

ARTESANATO E MODA: INOVAÇÃO E FUNCIONALIDADE - UMA REFERÊNCIA CULTURAL NO PIAUÍ.

HANDICRAFT AND FASHION: INNOVATION AND FUNCTIONALITY - A CULTURAL REFERENCE IN PIAUÍ

GOMES¹.Glória Cele Coura.Especialista Universidade Federal do Piauí-UFPI
Contato – gloria_coura@yahoo.com.br
ARAÚJO,² Maria do Socorro de. MsC. Universidade Federal do Piauí-UFPI
Contato – msdesign@gmail.com

RESUMO

Este artigo investigou como se deu o processo de institucionalização da Moda e do Artesanato de renda de bilro do Morro da Mariana em Ilha Grande-PI. Objetiva analisar se ocorreu inovação e a funcionalidade na produção de novas peças de rendas de bilro partir da participação do designer Walter Rodrigues e outros profissionais da moda.

Palavras – chave: artesanato, moda, Morro da Mariana

ABSTRACT

This article explored how was the process of institutionalization, involving the Fashion and HandiCraft of bobbin of the lace in Morro da Mariana in Ilha Grande-PI. It aims at examining if it occurred some innovation and functionality due to the production of new pieces of bobbin of the lace, under the influence of the participation of the designer Walter Rodrigues and other fashion professionals.

KEY WORDS - handicraft, fashion, Morro da Mariana

1. INTRODUÇÃO

A palavra artesanato tem origem no termo francês *artisanat*, pode ser definida como uma atividade artesanal realizada com intuito comercial, nessa atividade os produtores são autônomos e participam em toda a etapa de produção, desde a obtenção da matéria-prima até o produto acabado, não existe vínculo empregatício (SANTOS, 2007).

Possui procedência Árabe e tornou-se símbolo de luxo nas cortes europeias, sobretudo à francesa durante o reinado de Luiz XIV. Exportadas para Portugal, a renda passou a ser feita principalmente para enfeitar os paramentos, a vestimenta dos oficiais e os altares da Igreja Romana e, assim foi o seu trajeto até a chegada no Brasil.

¹ Professora Auxiliar da UFPI- Especialista em Moda e Marketing- Faculdade Católica do Ceará.

² Professora Assistente da UFPI- Mestre em Design e Marketing do Vestuário. Guimarães-Portugal.

Atualmente o artesanato é uma das formas mais naturais de expressão do povo brasileiro. Em todo o território brasileiro, é encontrada uma produção artesanal muito caracterizada pela cultura e o modo de vida local, feita com matérias-primas regionais. Tais variedades fazem com que o artesanato brasileiro seja rico e criativo. Durante muito tempo foi visto por muitos como uma atividade econômica marginal, atualmente é tratado no país como atividade produtiva rentável e um segmento de mercado competitivo (SANTOS 2007).

No Piauí o SEBRAE tem oferecido inúmeras oportunidades ao artesão, em especial as artesãs de Renda de Bilro no Morro da Mariana. A comunidade fica situada na Rua Turiano Ribeiro, 380 na cidade de Ilha Grande de Santa Isabel, com cerca de 9 mil habitantes, no delta do Rio Parnaíba, a 350 quilômetros de Teresina. A comunidade bicentenária do Morro da Mariana conserva um modo de vida simples, tem sua atividade econômica centrada na agricultura, pecuária, na pesca, na cata do caranguejo e na confecção da renda de bilro.

Ao longo da história esta arte foi transmitida, através do tecer e do ensinar a tecer, as rendeiras acabam propagando mais que um ofício rentável, elas passam de mãe para filha, de geração para geração, uma tradição centenária autêntica, preservando a memória piauiense constituindo-se uma identidade dos fazeres artesanais da nossa cultura.

A Associação das Rendeiras de Morros da Mariana-ARMM foi criada em 1993. A ARMM congrega aproximadamente 120 rendeiras que, reunidas sob regime de associativismo, buscam a melhoria das condições de trabalho, maior produtividade e geração de renda.

As rendeiras do Morro da Mariana conheceram a fama em 2001, quando o estilista Walter Rodrigues apresentou o trabalho delas no São Paulo *Fashion Week*, elas ficaram conhecidas nacionalmente e internacionalmente assim, foi possível, para algumas rendeiras ministrarem cursos para jovens estilistas e interessados em aprender como tecer rendas.

O primeiro contato com o grupo de rendeiras surgiu numa das vezes em que fui à Parnaíba ministrar um curso de Bordados Especiais para estilistas locais, através do SEBRAE, em Parnaíba.

Nesse período tive a oportunidade de ir até Ilha Grande conhecer o local onde o grupo fabricava suas rendas.

Foi possível voltar para ministrar o curso de bordado, e assim, aprofundar o contato, e, acompanhar as atividades que foram realizadas após o trabalho criado para o Walter Rodrigues e Thais França. O trabalho das rendeiras foi objeto de estudo no curso de especialização em Moda e Marketing-Faculdade Católica do Ceará.

A maior motivação em escrever este artigo partiu do resultado do trabalho de especialização.

Diante disto, o principal objetivo deste artigo é analisar quais foram os resultados obtidos relativos à inovação e funcionalidade ao agregar o Artesanato e Moda com o acompanhamento de profissionais da moda e designers com as artesãs de renda de bilro na comunidade de Ilha Grande no Morro da Mariana.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Artesanato e Moda

A moda se apropria dos mais variados elementos culturais e sociais para criar tendências e lançar novos produtos no mercado. Portanto, a moda também se apropria de elementos populares, como o artesanato que pode estar presente de diversas formas, seja, nos acessórios, na customização de peças, bordado e aplicações.

A inserção do artesanato na moda pode ocorrer de duas maneiras: o artesanato como complemento e agregador de valor ao produto de moda – inserido na cadeia produtiva da moda, e a peça totalmente artesanal como produto de moda – cadeia produtiva do artesanato.

Atualmente podemos afirmar que os bens de consumo tomaram a forma de signos, ou seja, eles por si só se comunicam. Não consumimos um produto apenas pelo seu valor material, mas sim pelo seu valor simbólico, ou seja, pelo que este representa para a sociedade. Segundo Lipovetsky (1989, 173):

“consumimos através dos objetos e das marcas, dinamismo, elegância, poder, renovação de hábitos, virilidade, feminilidade, idade, refinamento, segurança, naturalidade, umas tantas imagens que influem em nossas escolhas e que seria simplista

reduzir só aos fenômenos de vinculação social quando precisamente os gostos não cessam de individualizar-se”.

O fazer artesanato está ligado à raiz cultural do artesão e do modo como ele coloca o seu produto no mercado, a moda e as tendências são ferramentas presentes no objeto, mas não são fatores determinantes no processo identitário da obra. A junção entre a tendência e a tradição fortalece o produto perante o mercado e possibilita ao artesão criar novas oportunidades de trabalho, mas o que realmente marca o objeto artesanal e a identidade local, a cultura que se expressa através dele.

Algumas considerações devem ser observadas para a inserção da produção artesanal no segmento da moda. A produção artesanal reflete o modo de vida dos artesãos e a convivência sem fronteiras entre o trabalho, o lazer, a religiosidade e as atividades cotidianas. É preciso então respeitar sua capacidade produtiva quando inserido em um mercado extremamente dinâmico como é a moda, pois existe uma fragilidade entre o tempo de produção e o volume de vendas desejado. O mercado para a produção artesanal é bastante vasto e pode ser explorado mediante a montagem de sistemas ou cadeias de habilidades, articulando profissionais, talentos e vocações para uma produção integrada e participativa (SILVA, 2006).

É preciso entender que, inserir artesanato na moda não é uma ação assistencialista de ajuda comunitária, e sim, garantir vida digna a pequenos produtores em condições justas. O artesanato está inserido na cadeia produtiva da moda, ou seja, está atrelado aos padrões industriais que por sua vez possuem uma dinâmica comercial. Tem que ser respeitado o tempo da produção artesanal e o desconhecimento das técnicas de modelagem e facção. A venda também tem que ser realizada de forma a respeitar a quantidade de peças produzidas não criando expectativas no comprador e no artesão (SEBRAE, 2005).

Outro fator importante de ser ressaltado é a forma de comercialização do produto. Em um produto de moda seja ele totalmente artesanal ou não, a “marca” artesanal deve ser explicitada ao consumidor para que ele entenda como se deu toda a produção e possa dar o devido valor ao produto adquirido, assegurando-lhe o papel de um verdadeiro parceiro.

Esse produto não pode ser comercializado em larga escala e em um mesmo *display* com peças industrializadas, pois cria uma uniformidade de produtos onde o artesanal passa a ser desqualificado em função do valor da peça e perde sua singularidade.

Outra característica importante do artesanato é a liberdade que o artesão possui para definir o ritmo da produção, a matéria-prima e a tecnologia que irá empregar a forma que pretende dar ao objeto, produto da sua criação, de seu saber, de sua cultura (LIMA, 2003). Assim, o artesanato seria o feito-a-mão, um toque de qualidade humana acima da massificação do produto que a máquina imprime (FUNARTE, 1978).

2.2 Artesanato: funções técnicas, artísticas e culturais

O artesanato continua uma referência cultural e permanece em todas as sociedades na qual remete a significados simbólicos de alguma tradição dos costumes.

Na perspectiva de Porto Alegre (1992), as funções mais intrínsecas do artesanato são estas: a função cultural, quando se utiliza técnica tradicional a uma região e quando estas são passadas de geração para geração entre membros de uma comunidade. O artesanato insere na produção a temática popular e iconográfica tornando-se, assim, importante patrimônio cultural do país.

Outra função é a de sociabilidade, pelo fato desta atividade ocupar um contingente expressivo de pessoas. Para (D'Ávila 1983, p.185) “com a crescente automação das indústrias o excedente da mão-de-obra já não encontra ocupação”. Na era industrial, o artesanato é redescoberto e estimulado como solução possível para os graves problemas do desemprego.

Apresenta-se como terceira função, a econômica, por se tratar de uma atividade de complemento e muitas vezes como principal na economia urbana e mais intensamente na rural. Conforme Abrantes (1983, p.97), “os objetos artesanais revestem significado econômico quer quando usado para ofertas, quer quando para trocas comerciais diretas, quer ainda, quando fabricados à troca de remuneração, mesmo que mínima”.

Estudos desenvolvidos sobre o artesanato brasileiro têm comprovado a função social, cultural e econômica. Segundo o Ministério do Desenvolvimento, a atividade do artesanato representa um “cenário preponderante na ocupação e geração de renda para mais de 8,5 milhões de pessoas”. Dados do Banco do Nordeste demonstram em seus relatórios a existência de aproximadamente 3,3 milhões de pessoas inseridas na atividade na região Nordeste. O estudo refere-se ao quantitativo de artesãos no Nordeste brasileiro revelando um contingente significativo de trabalhadores do mercado.

Dessa forma os artesãos encontram na produção do artesanato, uma forma de garantir sua própria subsistência e de suas famílias. Portanto, tornou-se objetivo do banco fomentar ações que desenvolvam a produção do artesanato nordestino, voltado para as possibilidades de atenuar desigualdades sociais além de promover a preservação de valores da cultura local (BANCO DO NORDESTE, 2002).

3. METODOLOGIA

O primeiro passo da pesquisa foi à pesquisa bibliográfica e documental, para levantamento de informações em torno da atividade do artesanato do Morro da Mariana. Foram consultados livros, revistas acadêmicas, dissertações, e jornais, tanto no meio impresso, como eletrônico. Este é um estudo exploratório de natureza qualitativa. Segundo Minayo (2008 p. 57) o método qualitativo é:

[...] o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam”.

Apesar de este tipo de estudo já ter sido muito usado para pesquisas de grandes dimensões, essa abordagem se configura melhor em pesquisas de grupos menores, delimitados. Através desta abordagem, busca-se uma aproximação fundamental e de intimidade entre o sujeito e o objeto. É um procedimento que explora as técnicas de observação e entrevista, pois entram

intrinsecamente no problema estudado, através da observação que pode revelar aspectos inesperados e surpreendentes (MINAYO, 2008).

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O relato das rendeiras foi unânime em dizer que a confecção de novos modelos altera um fator determinante na produção de renda de bilro: o prazer gerado pelas interações entre as artesãs. Essas mulheres estão acostumadas a fabricarem peças grandes cujo tempo total de produção é longo, enquanto que a produção de peças menores em período de tempo curto acelera o ritmo de trabalho e intensifica a atenção da artesã, fazendo com que as discussões, conversas informais, cantorias e pausas, que estão ligadas à longa duração da produção de cada produto, sejam reduzidas.

Ficou perceptível no encontro e nas falas das rendeiras do Morro da Mariana, que existem critérios fixos e pré-determinados por elas em relação ao produto, mesmo que empiricamente, e que as atividades do grupo devem levar em consideração as particularidades da organização do trabalho e da produção da associação, destacando-se a necessidade de conciliar a produção de rendas de bilro com as atividades domésticas e sociais.

Outra experiência positiva observada, durante o encontro com as rendeiras foi à integração de Walter Rodrigues com a comunidade. Ele aceitou o convite para conhecer o grupo e acabou fazendo parte da história de vida do grupo de rendeiras do Morro da Mariana. Resultado: uma coleção de verão, inspirada numa de suas viagens de pesquisa, “uma imagem do século XVII”, feita com o artesanato piauiense foi apresentada em julho de 2001 no São Paulo Fashion Week, e, posteriormente foi parte da Exposição "A Mão na Moda - Uma História Brasileira", no Espaço Cultural Citibank em São Paulo. O estilista usou basicamente as rendas de bilro do Morro da Mariana, utilizou modelagens nas peças de vestuário em modelos que as rendeiras ainda não tinham confeccionado, modificaram-se as formas e funções nas rendas. As matérias primas utilizadas foram: fios de seda, linhas de algodão coloridas e linhas com elastano.

Após o trabalho, as artesãs viajaram a São Paulo para conhecer o ateliê do estilista. “Foi uma grande emoção pra gente assistir ao desfile e ainda conhecer a rotina de Walter Rodrigues de perto”, comenta Maria do Socorro Reis Galeno, ela explicou que esta viagem foi uma oportunidade ímpar para modificações dos novos modelos das rendas e produção no Morro da Mariana.

A partir de então, o estilista continuou apoiando o trabalho das rendeiras. Dentre outros famosos, Rodrigues também assinou o vestido da primeira-dama Marisa Letícia na posse do presidente Luis Inácio Lula da Silva, em 2006. O vestido amarelo que a primeira-dama Marisa Letícia usou na posse possuía 1.200 camélias de renda. A atividade foi feita durante 20 dias, 25 artesãs se revezavam para entregar a peça no tempo determinado.

Depois da visibilidade do trabalho executado com a realização do vestido da primeira-dama, as rendeiras tiveram reconhecimento em nível nacional e internacional. Segundo dona Maria Socorro tal reconhecimento é uma conquista ímpar, isso porque, explica a artesã que começou a fazer renda ainda aos oito anos de idade:

[...] a maioria das mulheres que trabalha com a renda de bilro são esposas de pescadores e produzem as peças para ajudar na renda familiar. Ver nosso trabalho sendo procurado e reconhecido em todo o país é uma satisfação sem tamanho.

Durante a entrevista a senhora Socorro mostrou mais uma novidade que mobilizou o trabalho das mulheres: suas rendas foram associadas a belas jóias. A designer Thais França fechou uma parceria com as rendeiras para associar seu trabalho às rendas do Estado do Piauí.

5. NOTAS CONCLUSIVAS

O resultado deste trabalho possibilitou compreender a importância da arte de fazer rendas de bilros como símbolo da cultura material. Analisou os aspectos de cultura e identificou-se a prática coletiva das mulheres rendeiras, que busca perpetuar a arte de fazer rendas de bilros, uma referência tradicional da comunidade – o Morro da Mariana, onde as artesãs ainda cultivam esta memória artesanal.

O artigo verificou inovação e a funcionalidade da produção de novas peças de rendas ao agregar o Artesanato e Moda partir da participação do designer Walter Rodrigues e outros profissionais da moda. Foram introduzidas novas tecnologias, através da utilização de diversos tipos de fios e de cores além de novas possibilidades em suas formas e funções, sem perder sua identificação sociocultural e a originalidade de seu saber, sendo estes produtos introduzidos no circuito da moda. Também, foi possível analisar que, os profissionais da moda e artesões desenvolveram um trabalho conjunto, na busca do reconhecimento e da valorização do artesanato, revitalizando e otimizando cada peça produzida.

O processo no qual as rendeiras estão inseridas, diz respeito à cultura popular tratada com o sentido de folclore. Podemos afirmar que atualmente o modelo associativo de trabalho das mulheres rendeiras, dá sentido ao trabalho coletivo e associativo, onde as mesmas conseguem sobrevivência desenvolvendo pequenos negócios e estimulando a prática do empreendedorismo. Assim torna-se forte o sentimento que nutrem pela tradição de serem rendeiras.

Conclui-se que as mulheres continuam sujeitos importantes de uma tradição histórica que precisa ser revitalizada. Sem dúvida a condição cultural material do artesanato de rendas no Piauí continuaria mais bem amparada por estas mulheres artesãs, necessárias para avivar e manter a memória e a cultura da arte de fazer rendas de bilros.

6. REFERÊNCIAS

ABRANTES, L.C. LEAL, & J.P.P. (Orgs). **Investigar para aprender** Freudenthal, H.1983.

BANCO DO NORDESTE, **Ações para o desenvolvimento do artesanato no nordeste**. 2.Ed. Fortaleza:Banco do Nordeste, 2002 10p.

D'ÁVILA, J S.. O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea. In: RIBEIRO, Berta, G. et. AL. Artesanato indígena: para quê e para quem? **O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Instituto Nacional do Folclore, 1983.

DIÁRIO DO NORDESTE. **Artesanato**: cores e formas no processo criativo. 13 março 2002. Disponível em:<

<http://diariodonordeste.globo.com/2002/03/13/050095.htm>>. Acesso em: 25 jul. 2011.

FUNARTE. **Artesanato brasileiro**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1978.

LIMA, R. G. **Artesanato e arte popular: duas faces de uma mesma moeda?** Disponível em URL: http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Artesanato/Artesanato_e_Arte_pop/CNFCP_Artesanato_Arte_Popular_Gomes_Lima.pdf, 2003.

LIPOVETSKY, G. **O Império do Efêmero**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11ª. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

PORTO ALEGRE, M. S. **Fontes inéditas para história indígena no Ceará**. Fortaleza: Editora da Universidade Federal do Ceará, 1992 (Caderno do NEPS).

SANTOS, E. T. **Exportações de artesanato no Ceará no período de 2004 a 2006: desafios e oportunidades**. 96 f. 2007. Dissertação de Mestrado (Administração). Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2007.

SEBRAE. **Termo de Referência Atuação do Sistema SEBRAE para Comércio Justo**. Brasília: SEBRAE, 2005.

SILVA, H. M. **Por uma teorização das organizações de produção artesanal: habilidades produtivas nos caminhos singulares do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 2006. Tese de doutorado – FGV.
Disponível <http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,AA1404456-5601,00.html>
Acesso em: 02-05-2013.